



HARRIS, Elizabeth J.; HEDGES, Paul; HETTIARACHCHI, Shanthikumar (Ed.). **Twenty-First Century Theologies of Religions: Retrospection and Future Prospects**. Leiden: Brill; Boston: Rodopi, 2016. 396 p. (Currents of Encounter, 54). ISBN 978-90-04-3224-62

Leandro Luis Bedin Fontana *

Esta obra [Teologias das religiões do século XXI: retrospectiva e perspectivas futuras] reflete o debate contemporâneo em torno da teologia das religiões, uma disciplina acadêmica de origem relativamente recente nos currículos de teologia (cristã). Mais especificamente, os editores propiciam uma discussão em torno da tipologia exclusivismo, inclusivismo e pluralismo, consolidada nessa disciplina, e concebida há mais de três décadas no intuito de dar conta, teologicamente, da pluralidade de afirmações de caráter absoluto provenientes das diversas religiões. Com efeito, ainda hoje é raro encontrar algum estudo, quer no âmbito da teologia das religiões quer no campo do diálogo inter-religioso, que ignore ou mesmo prescindia, na reflexão, das categorias exclusivismo, inclusivismo e pluralismo, o que torna o livro extremamente relevante.

Resenha recebida em 27 de junho de 2017 e aprovada em 04 de setembro de 2017.

* Doutor em Teologia. Pesquisador do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUCRS. País de origem: Brasil. E-mail: leandro.fontana@puers.br

Elizabeth Harris é pesquisadora britânica com vasta experiência em estudos da religião, incluindo estadas em diversos países, de modo particular no Sri Lanka, onde, através de seu doutorado, aprofundou seus estudos sobre o budismo. Embora já aposentada, continua pesquisando e lecionando como professora associada em *Religious Studies* na *Liverpool Hope University*, no Reino Unido. Igualmente britânico, Paul Hedges também possui amplo conhecimento em relações inter-religiosas. Ele é professor associado em *Interreligious Studies* na *S. Rajaratnam School of International Studies*, em Singapura, e possui uma extensa lista de publicações nessa área, incluindo campos mais recentes tais como ética inter-religiosa e a assim chamada teologia comparativa. Shanthikumar Hettiarachchi, por sua vez, é consultor e conferencista internacional em tópicos como religião, solução de conflitos e superação da violência, atuando nas universidades de *Colombo* e *Kelaniya*, no Sri Lanka.

O livro foi publicado na série “*Currents of Encounters*”, da editora holandesa Brill, uma série que é consolidada em estudos inter-religiosos, interculturais, comparativos e pós-coloniais e possui, atualmente, 55 volumes publicados. Entre os méritos do presente volume está o fato de reunir uma gama bastante abrangente e variada de especialistas na área, cujas respectivas contribuições, a meu ver, dão conta da complexidade da temática. Note-se que essa complexidade se dá não unicamente em virtude dos desafios que naturalmente se impõem em qualquer tentativa de reflexão sistemática sobre o pluralismo religioso, mas também em função do espaço de tempo percorrido por esse debate, que já supera três décadas.

É evidente que o leitor precisará esquadriñar muito para encontrar o que procura – e esse é um dos inconvenientes da obra –, pois não se trata de um texto sistemático, e tampouco pensado em conjunto. O volume é, antes, a confluência de duas iniciativas surgidas independentemente uma da outra, no entanto com o objetivo comum de marcar os 30 anos da publicação de *Christians and Religious Pluralism: Patterns in the Christian Theology of Religions*, de Alan Race, cuja

tradução para o português ainda é inexistente. De um lado, Elizabeth Harris e Shanthikumar Hettiarachchi estavam planejando a edição de um livro e, de outro, Paul Hedges e o próprio Alan Race estavam planejando uma conferência sobre a temática (em Winchester, no Reino Unido, em 2013), seguida de uma publicação (p. 1). Casualmente, os editores do presente volume acabaram sabendo das iniciativas uns dos outros e acharam por bem somar suas forças.

O principal homenageado deste volume é, portanto, o Rev. Dr. Alan Race. Sendo pastor anglicano britânico, atuou tanto como capelão universitário como professor de teologia, combinando, assim, durante toda a sua vida, formação teológica e ministério pastoral. Foi, durante muitos anos, diretor dos estudos de pós-graduação no *St. Philip's Centre for Study and Engagement* da universidade de Leicester, na Inglaterra. Atualmente, é reitor da Igreja S. Margarete, em Lee, na região sul da cidade de Londres. Todas as suas obras, de autoria própria e editadas com colegas, versam sobre os tópicos teologia das religiões e diálogo inter-religioso, sendo ele um defensor do pluralismo.

No que diz respeito ao conteúdo deste volume, os editores, na tentativa de acomodar os diversos textos que lhe chegaram, dividiram a obra em quatro seções, que serão brevemente descritas a seguir. Além da introdução, elaborada pelos editores, apresentando e contextualizando o livro, há um prefácio escrito pelo Prof. Leonard J. Swidler, da *Temple University*, Philadelphia, com a tese de que o pluralismo seria o único futuro possível da religião, e um posfácio elaborado pelo homenageado desta obra, Rev. Alan Race, no qual ele avalia os diversos textos presentes no volume, rebate as críticas feitas à sua tipologia e reafirma a sua tese proposta há 30 anos, apesar de algumas ressalvas e modificações.

A primeira parte é intitulada “Disputando e usando a tipologia”, e aglutina textos que põem a tipologia em discussão. Os textos variam de autores que defendem a tipologia como válida e útil (Gaston), outros que propõem alguns ajustes, seja na sua compreensão seja na sua aplicação (Harris e Hedges), ou inclusive o acréscimo de uma categoria intermediária entre inclusivismo e

pluralismo (Veléz de Cea), e outros ainda que criticam a sua validade e aplicabilidade (Adams e Whitehead). No entanto, mesmo reconhecendo a pertinência da crítica desses dois últimos autores à tipologia, as críticas mais contundentes a essa tipologia encontram-se, na minha opinião, na parte 3, abaixo.

O título da parte 2 é “Vozes pluralistas e contestação”. Nele, o debate concentra-se em torno do paradigma pluralista. Os próprios editores fazem questão de mencionar que a dedicação de uma parte inteira ao paradigma pluralista não representa a sua posição, mas resulta, simplesmente, da natureza dos textos que receberam dos respectivos autores (p. 3-4). Esta seção é aberta pelo texto do rabino Tony Bayfield, que demonstra a insustentabilidade do absolutismo religioso e propõe o paradigma pluralista como saída. Esta posição é reforçada por dois autores clássicos do pluralismo religioso, a saber, Paul F. Knitter e Perry Schmidt-Leukel, os quais reiteram suas posições acerca do pluralismo, sem grandes novidades. Esse paradigma pluralista é contestado categoricamente por um conhecido crítico do paradigma pluralista, Gavin D’Costa, o qual, neste ensaio, não se limita a questionar a consistência do pluralismo enquanto princípio, filosófica e teologicamente, tal como o fizera em estudos anteriores, mas recusa-lhe a possibilidade do qualificativo ‘cristão’, uma vez que, segundo ele, este adjetivo necessariamente implica a afirmação da crença na encarnação e na trindade. Para que haja, pois, maior coerência na nomenclatura, D’Costa sugere que o clássico modelo pluralista seja renomeado ‘inclusivismo pós-cristão’, o que torna clara a incompatibilidade entre cristianismo e pluralismo.

A parte 3, “Para além da tipologia: Novos debates, novas perspectivas”, concentra, na minha opinião, os textos mais inovadores da obra, na medida em que reflete o esforço de repensar tanto o modo de fazer teologia ocidental como a sua forma de compreender a religião. Um elemento comum a alguns desses textos é o caráter hegemônico do pensamento ocidental, que, obviamente, perpassa também a teologia das religiões. Esse elemento é analisado, em parte, através das ferramentas de análise da assim chamada crítica pós-colonial (Hettarachchi,

Rettenbacher e Moyaert) e, em parte, através do conceito de “teologia fraca” de John D. Caputo, apoiado na ideia de desconstrução de J. Derrida (Kiblinger). O que se pretende, através dessa crítica, é dar voz a discursos subalternos, isto é, alternativos aos hegemônicos (Hettarachchi), e demonstrar a importância do ‘outro’ para a construção da própria identidade mediante um processo hermenêutico (Moyaert). A construção da identidade religiosa é um tema comum também ao texto de J. Williams, na medida em que analisa o fenômeno da dupla pertença religiosa à luz dos quatro advérbios de Calcedônia. Cabe ressaltar que, segundo Moyaert, o caráter hegemônico do discurso ocidental não se aplica somente a discursos teológicos de caráter mais conservador, mas também a correntes mais modernas de pensamento tais como o pluralismo e a assim chamada teologia comparativa, o que soa bastante original. Embora Moyaert seja especialista em teologia comparativa, ela distancia-se um pouco dessa corrente nesse texto. Não obstante, Winkler, por sua vez, defende a teologia comparativa como alternativa à tipologia em questão, não, todavia, em oposição a ela, mas complementarmente. Outro texto bastante original é o de Leirvik, que, analisando o discurso ético do cristianismo e do islã, constata que os pontos de convergência entre essas duas religiões são muito maiores do que se costuma imaginar.

A última seção, intitulada “Algumas respostas à teologia das religiões cristã”, reúne, felizmente, respostas, reações e impressões de membros de outras religiões em relação à forma com que a teologia cristã (ocidental) tem visto o(a) ‘outro(a) religioso(a)’. Felizmente, pois, segundo grande parte dos autores deste volume, este parece ser o sentido próprio de uma ‘teologia das religiões’ do século XXI: uma teologia que não apenas discursar *sobre* o outro, mas dialogar *com* o outro. Essa seção contempla uma perspectiva judia (Firestone), uma muçulmana (Jawad) e outra budista (Owen). Evidentemente, essas tradições desconhecem algo parecido com o que o ocidente denominou ‘teologia das religiões’. Não obstante, esses autores esforçam-se em pensar a diferença religiosa dentro de suas próprias tradições e avaliam as relações de suas respectivas religiões com o cristianismo no contexto atual. No entanto, essa seção não conta com nenhum texto oriundo da

tradição hinduísta, o que é lamentável, especialmente considerando o grande número de estudos realizados sobre a relação entre hinduísmo e cristianismo, particularmente no subcontinente indiano.

Além disso, considero um tanto infeliz a abertura do livro com o prefácio do Prof. Leonard Swidler. São conhecidos os seus estudos nas áreas da teologia das religiões, ecumenismo e diálogo inter-religioso, e a solidez de seu pensamento é incontestável. Contudo, ao fazer um apelo resolutivo em favor do pluralismo e ao apresentá-lo como a única alternativa para o futuro do cristianismo e das religiões, o texto parece estreitar por demais o horizonte do(a) leitor(a), que encontra, nesta obra, de outro lado, um esforço notável em ampliar tanto quanto possível o debate acerca da tipologia proposta por Alan Race. Minha crítica não se aplica à natureza do texto ou à posição de Swidler, mas ao lugar que seu texto ocupa na obra em seu conjunto, que não deixa de dar certo tom ao livro.

De resto, a proposta dos editores é bastante exitosa, oferecendo um panorama ao mesmo tempo geral e aprofundado da temática. Considero as questões abordadas nesta obra extremamente relevantes para a teologia do século XXI, no seu todo, e a sua leitura profundamente benéfica para um fazer teológico à altura dos desafios atuais.